

## ESPACIALIDADE NA ATENAS DO V SÉCULO a.C.

Juliana Magalhães dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste estudo pretendemos apresentar brevemente sobre os conceitos que circundam e perpassam o universo da prostituição, na Atenas do V século a.C.. Com o objetivo de nos debruçarmos sobre as conexões que fazem parte desse universo, tentaremos tecer algumas considerações sobre o que afeta e reflete suas ações, tanto em âmbito público quanto privado. Para auxiliar nesta tarefa analítica, nos apoiaremos metodologicamente em representações, concepções sociais, políticas e jurídicas para refletir ao universo de transito, público e privado, da prostituição. Desta maneira evidenciaremos a importância destas agentes sociais, a partir de suas especificidades, para compreender a complexidade a cerca da imagem da prostituta ateniense na Antiguidade Clássica.

**Palavras-chave:** Palavras-Chaves: Grécia Clássica; Espaço; Gênero; Sexualidade.

**Abstract:** In this study we intend to briefly present the concepts that surround and permeate the world of prostitution inside the Athens of the fifth century BC. With the goal of turning our attention to the connections that are part of this universe, we intend to present some considerations about what their actions affects and reflects, both in a public and private scope. To assist in this analytical task, we will support ourselves methodologically on representations as well as social, political and legal conceptions to reflect to the public and private transitory universe of prostitution. In this way, we will highlight the importance of these social agents, from their particularities, to understand the complexity around the image of the prostitute in Classical Athens.

(...)Apresentando a respeito desses fatos a lei que não permite fazer a constatação de adultério em relação àquelas todas que habitam em um prostíbulo ou se prostituem abertamente, afirmava repetidamente que a casa de Estéfano era um prostíbulo, que o meio de vida dela [Neera] era esse e que eles [Neera e Estéfano] prosperavam muitíssimo com a prostituição (CONTRA NEERA: APOLODORO, 59.67).

<sup>1</sup> Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF/NEREIDA/CAPES).  
E-mail: jumagasantos@gmail.com

Ao refletirmos sobre a ocupação e deslocamento espacial de prostitutas no período clássico, precisamos estar a par dos conceitos relacionados ao universo da prostituição e recorrentes em leis e discursos oratórios para reconhecê-las enquanto agente social na cidade de Atenas. Segundo Apolodoro, em discurso atribuído a Demostenes, Neera, *hetaira* (cortesã), acusada de coabitar maritalmente com Estéfano, um cidadão, mantinha em sua casa um *ergastérion* (prostíbulo). Considerado como ato de impiedade por ferir o corpo cívico ao atentar contra a manutenção da ordem cidadã, nestes escritos resgatamos um termo de uso comum ligado a trabalhadores do sexo. Glazebrook (2011:35) observa a neutralidade do conceito, referindo-se primariamente como um local de negócios e que provavelmente tomou importância “oficial” ao ser vinculado a prostituição em função do discurso de Demóstenes, apresentado acima. Ainda segundo a autora, a generalidade do termo poderia sugerir que a prostituição em lupanários fazia parte do cotidiano, tida como uma profissão comum. Há também o termo *porneion*, usado de maneira genérica para designar prostíbulo no período clássico, utilizado por Ésquines (no discurso *Contra Timarco* I. 123;124;15) para associar a conduta de Timarco com a faceta licenciosa da prostituição: às *pornai*, prostitutas - em sua maioria escravas ou estrangeiras - trabalhavam em lupanares ou em áreas periféricas de Atenas, como o porto do Pireu e o bairro do cerâmico) e ao *pornoboskos* (comerciante de escravos, prostitutas). Logo, percebemos que o termo *porneion* está relacionado a *porné* e pode ser traduzido como “local de prostitutas”.

Outras duas palavras poderiam estar associadas ao mundo da prostituição: *pallaké* e *hetaira*. *Pallaké*, termo comumente utilizado para designar relações de concubinato, tal como citado por Heródoto (HISTÓRIA, II, 135;173), parecia assumir conotação e função plástica. Geralmente eram mulheres escravas ou estrangeiras, que poderiam coabitar com um cidadão e sua família, fornecendo trocas laborais e sexuais a favor do senhor do *oikos*, da casa. Apesar da posição dúbia não era propriamente considerada prostituta, mas poderia ter sido uma. Já a *hetaira*, é o que consideramos no linguajar atual uma prostituta que tinha atribuições que iam além das trocas sexuais, uma espécie de cortesã. Sua designação seria a forma feminina derivada da palavra “*hetairos*” (amigo, companheiro) que indicaria, de maneira geral, uma mulher livre, estrangeira ou escrava que mantinha um acordo com o seu benfeitor (que poderia vir a incluir remunerações financeiras, participações em banquetes, celebrações e cultos públicos) e que era mantida para ceder-lhe acesso físico exclusivo.

Se possível, ainda podemos acrescentar a esta explanação a incursão sexual de escravos, escravas (e eventualmente estrangeiros, quando escravizados) no universo da prostituição, tendo suas forças de trabalho determinadas em função dos interesses de seu(s) empregador(es). Acima, percebemos que tanto *pornai* quanto *hetairai* poderiam carregar o status de escravidão, porém, além destas, podemos presumir que outros trabalhadores escravizados exerciam função semelhante, devido a legalidade de tal ato. Caso o empregador se interessasse em fazer valer seus interesses, fosse em bordéis ou em arranjos sexuais temporários, este não poderia ser processado por *hybris* (MCGINN, 2014:85). Nesse sentido, é interessante notar que se atos violentos fossem praticados contra trabalhadores desta natureza, não seriam os clientes, mas o detentor da propriedade escrava que arcaria com o ônus da ação. Afinal, eles expunham sua “mão de obra” a possíveis intervenções, logo deveriam arcar com os danos da posse, pois a negociata estava a cargo do serviço (COHEN, 2014:185).

Para Cohen, os escravos atenienses do período clássico e helenístico experienciaram tratamentos sexuais e oportunidades de trabalho que variavam de acordo com o sexo, situação financeira, local de habitação e forma de propriedade, filtradas pelo contexto de diferenciação das relações comunitárias e no *oikos* (2014:185). Neste sentido, o autor cita, por exemplo, o caso de escravos pertencentes a cidade-Estado que poderiam ser agenciados sexualmente por indivíduos livres e cidadãos, chegando até a possibilidade de gerenciarem lupanários a favor de seus donos. O autor ainda cita, que apesar de todos os aspectos legais concernentes as trocas laborais de cunho sexual, aqueles trabalhadores que eram escolhidos para se dedicar especificamente a área, poderiam vir a receber treinamento específico para provisão de tais serviços. Considerado uma *tecné*, tal como a medicina e o artesanato, o campo da sexualidade requeria habilidades e conhecimento, permitindo que tanto escravos e escravas, recebessem ostensivas lições que homens e mulheres livres não possuíam acesso (2014:191).

O caso de Nicareta (Demóstenes 59.18) talvez seja ilustrativo não só por apresentar a possível mutação do status social ocupado por prostitutas, mas também a espacialidade marcada pelo universo da prostituição. Segundo Demostenes, Nicareta, que também havia sido prostituta e escrava, conseguiu sua liberdade e passou a agenciar jovens, a preços elevados, para entreter symposia e festivais para diversas regiões da Grécia (COHEN, 2014:192). Casada com um cozinheiro (que possivelmente não tomava parte de seus negócios), possuía, segundo o autor, talento para identificar, treinar e depois vender os serviços sexuais de jovens escravas

(2014:191). Assim, percebemos que a presença e circulação desses agentes sociais, marcada por festividades, bordeis e sujeito a influência e interesses de seus empregadores, não era sinônimo de contensão à expansão dessa mesma circulação. Como agentes sociais, circulavam para além das fronteiras que as caracterizavam como trabalhadoras, porém, ainda permaneciam em situação indefinida dada a diversidade de possibilidades e conceituações ligadas a profissão.

Nesse sentido, devemos nos atentar ao argumento de Calame (2009) a cerca das definições usadas para denominar tal grupo social. Segundo o autor, diversas categorias ao redor da prostituição foram fruto de elaborações jurídicas e transformações sociais construídas ao longo do séculos, provocando um efeito elástico, dificultando a elaborações de concepções definidas. Aparentemente o que devemos reter a respeito do conceito é a sua definição básica (mulheres disponíveis para manter relações sexuais para além dos laços afetivos ou conjugais) e captar o trânsito de conceitos e as intenções de seu uso, nos documentos escritos para cada período.

Os espaços de circulação das prostitutas na cidade pareciam não ser exatamente circunscritos, mas demarcados, o que as tornavam reconhecíveis devido a natureza de suas atividades. Passeando pelas ruas a recolher clientes para transações sexuais rápidas, as *pornai* poderiam realizar suas ações não só em lupanários, mas também em quartos e espaços de trabalho, entre teares e tapeçarias, por exemplo. (JAMESON: 1991; GLAZEBROOK: 2011) As *hetairai*, acompanhadas geralmente de cidadãos, entretiam festividades e celebrações, junto de músicos, e circulavam pela cidade participando de banquetes públicos, e em encontros e festividades privadas, as symposia onde encontramos boa parte das referências e citações à elas (Platão, Xenofonte, etc).

Portanto para Calame (2009) as cortesãs se situam em uma posição social intermediária, que envolvem a relação com os cidadãos em uma área considerada semi-pública, no caminho entre a ágora (a praça) e o andrón (espaço de uso especificamente masculino dentro do oikos – a casa). O que se pode tomar parte é que, apesar da participação inscrita entre os dois espaços, a hetaira apenas circunda as esferas não pertencendo a nenhuma delas de fato.

Para Cohen (2006: 97), a questão da prostituição e as diferenciações entre *pronai* e *hetairai*, na visão de certos historiadores (DOVER: 1994; CANTARELLA: 1996), não obedeceria exatamente a critérios de diferenciação social, mas do o autor denominaria “promiscuidade”. A *hetaira* possuiria uma relação de longo termo com seu parceiro, enquanto a

*porné* vende seu corpo para diferentes homens, dando a entender segundo Dover (1994: 20) que a *hetaira* estaria mais próximo de um ideal de amante do que propriamente de prostituta. Porém, apesar das análises intrigantes, essa posição não parece ter relação direta com o papel social e os usos espaciais da prostituição na vida ateniense de maneira a influenciar discursos retóricos, produções filosóficas e leis. De maneira geral (ainda) o que aparenta prevalecer perante os historiadores é a consideração do status social das *hetairai* como elemento estratégico e fundamental para o sucesso da vida política ateniense, uma espécie de imagem (pré)fabricada da mente masculina (Keuls, 1993, 199).

Percebemos, então, que a imagem da *hetaira* em documentos textuais e iconográficos (representações na cerâmica ática de figuras negras e vermelhas) intriga, não só por sua proximidade com o mundo masculino, o “*clube dos homens*” (VIDAL-NAQUET, 1989) mas por ser constante fonte de citações, como tema de preocupações em discursos, acusações e leis. Através de tais referências, tendemos a considerar o papel da *hetaira* para além da função de entretenimento e diversão sexual, como poderia sugerir suas atribuições enquanto prostituta. Assim como a espacialidade que ocupa, parece estar na fronteira entre a vida política, pública e particular do cidadão ateniense, por ser figura recorrente em locais onde confabulações políticas, filosóficas e festividades se misturam (banquetes público e privados) e parecem indicar o exercício prático do desempenho sexual e de comando frente ao pares.

Claude Mossé (1999: 34) argumenta que a *hetaira* é aquela cuja visita é feita pelo prazer e cujo corpo é fonte e objeto de desejo. Esta imagem pertence ao mundo exterior, definida pelo imaginário masculino em contraposição ao *oikos*, o espaço privilegiado da mulher bem nascida, em uma espécie de “contra-modelo” em relação ao modelo de esposa *mélissa* (POMEROY, 1999: 30). A mulher reclusa, o modelo ideal de feminilidade da “mulher abelha”, cercada pelas dependências do *oikos* encontrava molde na imagem da *gyné*, esposa legítima do cidadão ateninense (LESSA, 2004). Logo, a contraposição aparente entre espaços públicos e privados supõe que as prostitutas assimilem do ponto de vista social as ações da esfera pública, imprimindo em sua conceituação a externalidade das relações básicas do *oikos*. Essa afirmação nos leva a crer, por exemplo, que para um cidadão ir à casa de uma cortesã ou partilhar com ela momentos íntimos, significaria afirmar sua virilidade (VONYEKE 1990: 230), – uma expressão pública de demonstração de controle e poder - já que os casamentos (e as mulheres casadas) não

possuíam a função primordial de estimular o amor e o prazer, mas a produção de herdeiros para família.

O *oikos* para o ateniense do V e IV século A.c “*designa a casa, a terra e todos os que fazem parte desse domínio: parte desse domínio: parentes, servos e escravos*” (MOSSÉ, 1994: 213) dispostos de maneira hierarquizada, tendo na figura do homem como a base da estrutural e organização. Para Vernant (...) “*A palavra oikos, que às vezes traduzimos por ‘família’, dificilmente é traduzível. Ora designa a família no sentido estrito do termo, ora a casa e todos os que gravitam em torno do lar: pais, filhos e escravos.*” (1991:169-170). Ainda que a sua conceituação seja ampla, seria possível entrever em sua concepção a divisão dos espaços da casa segundo a função e os ocupantes, entre eles espaços de uso feminino, salão de trabalho, cozinha e despensa (provavelmente intercambiáveis). Entre os espaços no *oikos*, o *andrón* ganhava destaque pela diferenciação estética e pelo uso, pois além de ser elaborado com a função específica decomportar banquetes e entretenimentos diversos, ele possuía conexões externas, como janelas ou portas voltadas para a rua. Para Jameson (1991), fora o *andrón*, que não permitia a permanência de mulheres e crianças no recinto, não havia uma oposição estrita entre espaços masculinos e femininos em andares com ocupações distintas. Logo, essa separação de espaços nos leva a refletir sobre os usos em um “tempo de excessos”, em que festividades não comportavam a presença da *gyné*, envolta por uma imagenário ideal, próximo ao modelo de desejo sexual, sedução e fantasia ligados a prostituição. A presença da hetaira em ambiente carnavalesco (LIMA, 200), de ações desmedidas pode nos dizer muito da conotação dada a sua função, como agentes que somente eram permitidos quando a ordem comum era alterada. Em que uma nova espacialidade estava em jogo.

Entre os diversos espaços reais e imaginários que o *andrón* se transformava (sala de jogos, dos excessos do amor, da comensalidade, dos entreves e planos políticos, etc), a convivência entre a utopia e realidade o transformam em heterotopias. Segundo Foucault (1986), o conceito representa um espaço fugaz e passageiro, tal como um festival ou feira, enraizados na temporalidade e na transformação temporária do espaço social. Este espaço de propriedades específicas, de “quase eternidade” tem como fardo a permanente dissolução e o desaparecimento, devido a sobreposição de vários locais que seriam, a princípio, dissonantes, mas que se complementavam para assumir um espaço temporário. E é nessa temporalidade espacial fragmentada e singular, que se caracterizava um dos espaços privados em que as *hetáirai*

poderiam transitar, por ocasião do banquete sem ferir os códigos sociais estabelecidos para um cidadão.

Local reservado para homens, o *andrón* - palavra derivada de andréia (coragem, virilidade - substantivos que caracterizam o homem grego no período arcaico e clássico), representava de maneira exemplar a dualidade da ocupação dos espaços circundados pela presença das hetairai. Enquanto espaço imaginário, representava os excessos que os homens poderiam se permitir, porém sua realidade física se encontrava na fronteira da vida pública (pelos temas ali tratados) e da vida privada, em um constante tensão e complementariedade da vida cidadã. A presença da *hetaira* simbolizava o elo da fugacidade dos prazeres e os entreves discursivos da vida pública, atualizados pela realidade da vida privada e dos costumes que garantam uma imagem virtuosa a um ateniense. E essa realidade esperada indicava, entre discursos e na literatura, a *hetaira* como fonte de prazer e a *gyné* como guardiã da casa e dos filhos legítimos (DEMÓSTENES: 59.5).

## BIBLIOGRAFIA

### **Documentação textual:**

DEMÓSTENES. *Contra Neera - Discursos Privados II*. Biblioteca Clásica Gredos, 65; Editorial Gredos, 2000.

ÉSQUINES. *Against Timarchus. The Speeches of Aeschines* (tradução Charles Darwin Adams), 1919.

PLATON. *Le Banquet*. Trad. Paul Vicaire. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

XENOPHON. *Memorabilia, Oeconomicus, Apology and Symposium*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

### **Bibliografia:**

CALAME, Claude. *Professionnelles de l'amour : Antiques & impudiques*. Paris: Belles Lettres, 2009.

- CANTARELLA, Eva. *La Calamidade ambigua. Condicion e Imagen de la Mujer en la Antigüedad Griega e Romana*. Clásicas: Madrid, 1996.
- COHEN, Edward. Free and unfree sex work. In: *Prostitutes and Courtesans in the Ancient World*. Madison: University of Wisconsin Press, 2006.
- DOVER, Kenneth James. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- FOUCAULT, Michel: “Of other spaces”. *Diacrities*, v.16, no.1. Baltimore, 1986.
- GLAZEBROOK, Alisson; Madeleine M. Henry (ed.), *Greek Prostitutes in the Ancient Mediterranean, 800 BCE-200 CE. Wisconsin studies in classics*. Madison: University of Wisconsin Press, 2011.
- HUBBARD, Thomas K. (org). *A Companion to Greek and Roman Sexuality*. Wiley Blackwell publishing. Oxford, 2014.
- JAMESON, Michael. “Private Space and the Greek City.” In: *The Greek City: From Homer to Alexander*. Eds. Oswyn Murray and Simon Price. Clarendon Press, Oxford, 1991.
- KEULS, Eva C. *The reign of the phallus: sexual politics in ancient Athens*. University of California Press, 1993.
- LESSA, Fabio de Sousa: *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.
- MOSSÉ, Claude: *O Cidadão na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- THEML, Neyde: *O Público e O Privado na Grécia do VIII Ao IV Séc. a.C.: O Modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- VANOYEKE, Violaine: *La Prostitution en Grèce et à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- VIEIRA, Ana Livia Bonfim: A prostituição feminina em Atenas Clássica: Escravas e Libertas. In: *A mulher na Antigüidade - III Jornada de História Antiga*. Núcleo de Estudos da Antigüidade. Rio de Janeiro: NAPE/UERJ/Fabrica dos Livros - SENAI, 2006.
- VERNANT, J-P; VIDAL- NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.